



## SOBRE NARRATIVAS DE PESSOAS *TRANS* NOS AMBIENTES ESCOLARES - RESULTADOS DE PESQUISA

Ana Letícia Vieira<sup>1</sup>

Gabrielle Clara de Andrade Freitas<sup>2</sup>

### RESUMO

Trabalho que se propõe a trazer alguns resultados de uma pesquisa de mestrado em educação defendida em 2015 por Ana Letícia Vieira no Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ (ProPEd) que teve como objetivo conversar com pessoas *trans*<sup>3</sup> - aquelas classificadas como travestis, transexuais, transgêneros etc e que não estão e não vivem conforme as normas de gênero - sobre suas vivências escolares com o intuito de problematizar os gêneros, os corpos, os currículos, a Escola, as práticas educativas e mostrar como esses corpos *transitam* pelo espaço escolar. Como um dos resultados da pesquisa podemos apontar que as pessoas *trans*, mesmo às margens dos discursos socialmente legitimados e também produzidos pela escola, produzem/produziram suas histórias e modos de vida outros, conformados ou não com os padrões dominantes. Mesmo considerando que a maioria dessas pessoas evadem das escolas e as que sobrevivem enfrentam preconceitos, violências e discriminações, esses corpos *trans* em seus *trânsitos* escolares nos convidam a *transpor* as fronteiras arbitrariamente criadas e a *transgredir* as normas que despotencializam a produção de subjetividades e de outras estéticas de existência.

**Palavras-chave:** *Transsexualidades*<sup>4</sup>; Educação; Cotidiano; Currículo; Gênero.

### Introdução

Segundo a ABGLT<sup>5</sup>, a maior parte das pessoas *trans* evade das escolas. A taxa está em torno de 73%. Além disso, estima-se que 90% desta população, devido ao preconceito e a

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (ProPEd). Bolsista FAPERJ. E-mail: pesquisa.analeticia@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: gabi.clara95@gmail.com

<sup>3</sup> Neste trabalho, optamos pela expressão *trans* para nos referir às pessoas nomeadas/enquadradas como “transexuais”, “travestis”, “transgêneros”, “transhomens”, “transmulheres” etc, bem como àquelas que, de alguma maneira, não estão conforme a um metro-padrão e produzem seus corpos nas fronteiras, *transbordando* as normas de sexo-gênero.

<sup>4</sup> A grafia da palavra está com dois “s” propositalmente para mostrar que estamos entendendo a sexualidade, neste caso, de forma expandida ao invés de nomear ou dividir por categorias identitárias (travestis, transexuais, transgêneros etc). Sabemos que a luta identitária é legítima e funciona em alguns aspectos no âmbito das políticas públicas, entretanto gostaríamos de produzir um exercício de um pensar “outro” que nos aponte a possibilidade de podemos usar das categorias identitárias em determinados momentos a nosso favor, entretanto não podemos nos aprisionar a elas pois não dão conta da totalidade, da expansão e da diferenciação constante da vida.

<sup>5</sup> Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais.



discriminação, ao deixarem as escolas recorram à prostituição como modo de vida. Isso já é sabido por quem vivencia de alguma forma esse universo.

Uns vão explicar essa ocorrência afirmando que as escolas não estão “preparadas” ou não sabem “lidar” com essa “diferença”, sugerindo o respeito e a tolerância como medidas necessárias e suficientes para evitar a evasão. Outros vão propor mecanismos de disciplinarização e de normatização dos comportamentos e desejos “desviantes”, visando, por meio da medicina, da psiquiatria, da psicologia, da pedagogia e quizá da religião, à correção e à integração dos *trans*tornados. Em ambos os casos, apesar das propostas indicarem posturas aparentemente distintas para o acolhimento dessas pessoas, permanecem intactos os modos naturalizados de conceber gênero e sexualidade e de ocultar os processos de normalização do feminino e do masculino nos corpos, deles decorrentes (VIEIRA; SOARES, 2014, p. 441)

Segundo Vieira e Soares (2014), esse “não ter cabimento”, nas fôrmas, nos moldes, nas caixas e nos armários, é a principal problematização que a atitude *trans* propõe/impõe à educação. É dessa problematização e do *transbordamento* que ela impulsiona, que muitas vezes o pensamento educacional e as práticas educativas tentam escapar. “Qualquer medida para o acolhimento às pessoas *trans* nas escolas que não encare a problematização da formatização da vida se reduzirá a uma forma de negação da alteridade travestida de benevolência” (VIEIRA; SOARES, 2014, p. 442). O que se coloca, então, é que temos presenciado, com as práticas cotidianas, não só escolares, mas médicas também – no contexto das redes de produção de subjetividades sexual e genericamente marcadas - uma tentativa de enquadrar uma “diferença” que não se produz enquadrável.

Devido a essa tentativa constante de enquadramento em normas e padrões de gênero e sexualidade, as pessoas *trans* enfrentam muitos desafios nas escolas, espaço onde há produção constante de corpos generificados e sexualizados (LOURO, 2004). Grande parte dessas pessoas, devido a estes processos, evade das escolas ou dependendo do ponto de vista, são “expulsas”. Porto (2014), em conversa informal com nove professores da rede básica de ensino do Espírito Santo sobre a questão *trans* em suas escolas, constatou que não era raro na fala dos professores que nunca haviam lecionado ou convivido com alunos/as *trans*. O fato aponta a necessidade de problematizar o acolhimento dado a essas pessoas nas escolas.

Vários fatores contribuem para a evasão das pessoas *trans*: a maioria é expulsa de “casa” quando iniciam o processo de transformação corporal, fazendo com que muitas optem pela prostituição como modo de vida e a escolarização e a escola se tornam opções desinteressantes e menos rentáveis para o futuro. A proibição, em muitos casos, do uso do



nome social, dos banheiros e dos uniformes escolhidos por essas pessoas, como também, a patologização dessas subjetividades que produzem preconceito, homofobia, violência e discriminação (LIMA, 2013).

Sendo assim, este artigo traz alguns resultados de uma pesquisa de mestrado em educação que buscou por meio de conversas com pessoas *trans*, sobre suas vivências escolares, desnaturalizar a produção dos corpos generificados e sexualizados, questionar a produção da diferença encarnada no “diferente” e apontar como a escola fabrica esses corpos e como produz e operacionaliza discursos sobre a diferença que contribuem para a repetição e manutenção de preconceitos, violências, discriminações ou mesmo a negação de direitos reivindicados ou adquiridos. Também, como objetivo do trabalho, almejamos apontar como a presença de pessoas *trans* nos cotidianos escolares desestabilizam e rompem com a ordem social vigente no que diz respeito a gênero e sexualidade.

### **Conversas com pessoas *trans* sobre suas vivências escolares**

Para o levantamento de dados para a pesquisa, optamos como metodologia a utilização das conversas com o objetivo de não estabelecer ponto final ou afirmar a “verdade” dos fatos, mas pretendendo traçar linhas (SOARES, 2013), criar pensamentos e apontamentos para problematizar os gêneros, os corpos e as práticas educativas. Neste sentido, interessa o que essas conversas nos dão a pensar. Como elas podem operar na pesquisa potencializando pensamentos e apontamentos para a escrita.

A escola, quase sempre, foi uma experiência torturante para as pessoas que não se enquadravam na normalização da masculinidade e da feminilidade nos corpos, como nos contaram as pessoas *trans* com as quais conversamos<sup>6</sup>. Todas elas narraram inúmeros casos de discriminação e violência sofridas nas escolas e como a homofobia, na maioria das vezes, era tratada como um assunto menos “importante” ou menos “grave”. Em alguns casos, existia a culpabilização da vítima pela violência sofrida. Nos piores, a homofobia nem existia de fato, pois era “permitida”.

**Camila:** “A minha relação com os garotos era completamente doida. Um dia eles estavam bem e me chamavam para brincar e no outro resolviam ficar me zoando e

---

<sup>6</sup> Nos trechos das conversas apresentadas ao longo do texto utilizamos nomes fictícios em comum acordo com as pessoas *trans* com quem conversamos.



me chamando de viadinho. Um dia fui brincar com eles na parte dos fundos da escola. Era um colégio grande e dava até para se esconder ali dentro. Chegamos lá e “do nada” eles começaram a me bater. Me davam vários socos na barriga e diziam que eu tinha que aguentar e ficar calada. Soco na barriga dói muito e eu comecei a chorar. Eles me bateram mais e, enfim, resolveram parar... Me ameaçaram dizendo que se eu contasse pra alguém eles iriam fazer novamente. Não contei a ninguém, nem pro meus pais e aquilo ficou marcado. Eles (os garotos) hoje em dia nem devem lembrar, é claro, deste fato, mas eu me lembro e muito bem. Quem sofre sempre lembra!”

**Emily:** “As situações de violência eram constantes. Uma vez me lembro que a galera da turma resolveu brincar de se trancar no armário. Era tipo uma brincadeira de assustar. Entravam duas pessoas no armário e as outras, do lado de fora, ficavam fazendo barulho, davam porradas no armário e o balançavam. Eu, boba que era, resolvi entrar e fui sozinha. Para quê? Eles simplesmente jogaram o armário no chão e eu estava lá dentro. Deu a maior confusão na escola e até meus pais foram chamados. No final das contas eu também fui punida pela brincadeira e ainda abri a cabeça, levei pontos e tudo.”

**Jade:** “Sempre fui muito introspectiva, tímida, sofri bullying também e aguentei muita coisa calada. Gostava de algumas aulas, não gostava de trabalhos em grupo, nem apresentações na frente da turma. Agressões físicas e verbais eram frequentes. Sempre fui muito “menininha” e isso sempre foi motivo de piada quando era criança, mais do que hoje em dia. Certa vez tomei um chute na canela que me marcou muito, pois foi do nada e fiquei com um galo enorme. Não entendia porque era alvo, não sabia nada sobre mim, quem eu era, só me questionava o porquê de ser eu a vítima. Perseguições o tempo todo. Uma vez estava tão surtada que levei uma tesoura na bolsa com a intenção de me defender caso fosse preciso, isso correndo o risco de ser expulsa da escola caso me pegassem com ela. Cheguei a mostra-la para o menino dizendo que iria cortar a neça (pênis) dele. Pra quê? Aí que virei piada mesmo...”

**Jade:** “Uma vez no banheiro dos meninos, eles tentaram abusar de mim. Queriam me “comer” de qualquer jeito. Acho que eu tinha uns 10 anos. Eles me colocaram dentro de uma das cabines e ficaram vigiando pra ver se alguém ia entrar ou o inspetor ia aparecer. Eu não queria e tinha medo que isso fosse me machucar. A saída que eu encontrei foi lutar. Tentar sair dali de qualquer maneira e também comecei a gritar. Eles saíram correndo e me trancaram dentro do banheiro. Nem sei como fizeram isso, mas eu tive que ficar gritando para alguém abrir pelo lado de fora. Depois daquilo estes garotos e todos os outros ficaram me zoando porque eu fiquei fazendo escândalo. Ninguém sabia o real motivo. Disseram que eu tinha ficado presa no banheiro e que era uma “bichinha”, uma “mulherzinha”, uma “frutinha” com medo do escuro. A história se espalhou pela escola toda e até quem não me conhecia ficava zombando de mim. Virei piada. Se pudesse na época eu nem voltaria mais naquela escola.”

**Juliana:** “Tinha uns garotos que eu morria de medo deles. Eram maiores e mais fortes que eu. Eles viviam dizendo que iriam me encher de porrada. Todo final da aula eu saía da escola me cagando de medo. Achava sempre que eles estariam me esperando lá fora. Um dia encontrei com eles no ponto de ônibus. Encontrava muitas vezes, mas nunca chegavam a me bater de fato. Só ficavam ameaçando, jogando piadas, me chamando de viadinho, bichinha etc. Neste dia, estavam atacados e não paravam de me xingar. Eu rezando para o ônibus vir logo. Quando fui subir no ônibus senti algo na minha cabeça e era chiclete. Os garotos tinham colado vários na minha cabeça. Na hora o que eu mais sentia era vergonha. Queria abrir um buraco no chão e me enfiar lá dentro. Não achava justo o que faziam e o fato de ninguém me ajudar fazia com que eu me sentisse culpada. Como se eu merecesse. Chegando



em casa, minha mãe com raiva porque eu tinha deixado aquilo acontecer, resolveu raspar minha cabeça. Eu adorava meu cabelo. Fiquei desolada. Por uma semana eu só chorava e por vários momentos pensava que eu queria morrer. Poderia ser só um cabelo, mas não era justo. Quando lembro da escola, esta é uma das histórias que logo aparecem na minha cabeça. Não me conformo. E voltar para a escola com a cabeça raspada? Nossa, terrível, terrível...

**Paloma:** “Você saberia me dizer qual é a sensação de alguém te jogar dentro de uma lata de lixo? Pois não é nada boa, nada mesmo! Eu quando criança era bem magrinha e aparentava ser uma pessoa frágil, sabe? Só que eu era um pouco abusada. Eu aguentava muita coisa, mas quando eu percebia que poderia me defender eu não dava para trás. Algumas pessoas eu enfrentava, outras não. Apanhava, mas também batia. Teve uma vez, mona, que uns garotos me pegaram a força e me jogaram dentro de uma lata de lixo da escola. Eu levantei e fui direto pra secretaria. A diretora deu bronca nos garotos, chamou até os pais, mas me deu tipo um sermão: que seria melhor eu ficar mais “quieta”, que eu tentasse ter um comportamento mais “adequado” ao dos meninos, que às vezes eu era muito escandalosa, falava “alto” e tinha trejeitos muito peculiares. (ela usou esta palavra e lembro que eu fiquei pensando, peculiares?, mas o que seria isso?)”

**Paloma:** “Dentro do meu grupinho de colegas lembro que um deles adorava ficar enchendo meu saco de propósito, era um garoto que eu não suportava. Ele gostava de ficar me pegando. Me cutucando. Tirando minha atenção da aula e sempre fazendo com que eu ficasse com raiva. Parecia que ele sabia que eu não gostava e ficava “enchendo”. Não desgrudava de mim na aula. Um dia fiz alguma coisa, que não lembro, para fazer com que ele parasse de me encher. A professora me colocou de castigo porque não acreditou em mim (ah, lembro também que inúmeras vezes as pessoas não acreditavam em mim, inclusive a professora, e ficava de castigo por isso).”

**Paola:** “Quando me lembro da escola logo recordo das aulas de educação física. Na verdade, eu penso no vestiário porque era uma situação sempre de constrangimento. Eu entrava e era como se eu fosse uma ameaça para os outros garotos. Eu não me parecia com eles. Como diziam, era “afetada”. Era bem “garota” na verdade. Então, eles se sentiam de certa forma ameaçados. Como se a minha presença ali afetasse a sexualidade deles. Era somente a minha presença e mais nada. Eles já ficavam incomodados. Era uma tensão o tempo todo. Eu entrava, fazia o que tinha de ser feito e ia embora. Poucas vezes eu tomava banho porque tinha vergonha de ficar pelada e tinha medo também de alguém fazer algo comigo. Como as aulas normalmente eram nos últimos tempos, então eu saía da aula e tomava banho em casa. Uma situação marcante foi justamente nas poucas vezes que tomei banho na escola. O vestiário estava vazio quando entrei, mas depois chegou um menino. Eu comecei a tomar banho e ele também. Percebi que ele ficava me olhando o tempo todo, mas eu continuei tomando meu banho normalmente. Fui ficando curiosa pra saber porque ele me olhava tanto e resolvi olhar também (eu só olhei pra ele!). Ele ficou nervoso e veio tirar satisfação comigo: tá me olhando, porque? Eu não sou viado, não! Se me olhar de novo vou te meter a porrada! Fiquei quieta e com medo, mas continuei sem entender porque ele estava me olhando. Não sei se te dizer se ele me desejava ou se estava esperando eu olhar para atacar. Fiquei com essa dúvida.”

**Rebecca:** “A aula que eu mais odiava era a de Educação Física. As monas sempre dizem que não gostavam de jogar futebol. Eu até não me importava tanto. Mas também gostava de outros esportes. Gostava muito de jogar vôlei e eu era muito boa, mas em todas as aulas o professor sempre colocava os meninos para jogar futebol. Achava aquilo um descaso. Ele praticamente ganhava para não fazer nada. Qualquer pessoa fazia o trabalho dele. Eu ia jogar porque senão perdia pontos na nota final. Eu não sabia jogar nada, nadinha. Os garotos ficavam com muita raiva porque tinham que me escolher para jogar. Eles aproveitavam para me bater durante o jogo e



ficavam também me xingando de vários nomes. Me chamavam de “mulherzinha”, “fresca”, “bichinha” porque eu não sabia jogar e ficava atrapalhando o jogo. Praticamente em todas as aulas eu saía machucada. E aquele bosta do professor nem se importava. Hoje em dia, contando isso pra você, eu até acho que ele fingia que não via e deixava correr solto. Queria mesmo que eu apanhasse dos garotos.”

Leite (2011) aponta que parece existir uma hierarquização da “diferença” na escola pública por ela pesquisada. Enquanto as “deficiências” físicas e mentais eram mais “aceitas”, ocorriam casos de discriminação de origem étnico-racial entre os alunos, porém nunca protagonizadas pelos professores. As “diferenças” de gênero (que compõem expectativas sociais em torno do comportamento de homens e mulheres) eram as mais problemáticas, porque envolviam tanto alunos quanto professores. Sendo assim, a escola também faz parte deste mecanismo que produz expectativas e suposições com relação ao gênero. Todo este conjunto estabelece uma normalização que incide sob todo o coletivo/corpo escolar, incluindo os professores que encarnam essas normas e as produzem em suas práticas educativas. Jade aponta que sua professora, Alice, a culpabilizava por ser discriminada porque “chorar” não era atributo de um “homem”, enquanto Mayara, mesmo criança, e, ainda, nem pensando sobre sua sexualidade, já sabia que era rejeitada e que incomodava sua professora. Por sua vez, Rebecca e Camila, em suas trajetórias, vivenciaram situações, envolvendo professores, onde o preconceito de certa maneira era permitido. O preconceito por parte de um professor se manifestava até mesmo nas aulas de educação sexual.

**Jade:** “Eu tinha uma professora, era a tia Alice, que ela o tempo inteiro dizia: isso não é coisa de menino! Quando os meninos me colocavam apelido, um deles era “Beth”. Eles ficavam me chamando de “Beth” o tempo todo e eu começava a chorar. Esta professora ao invés de me defender, ela dizia que homem não deveria chorar e que era por isso que eles me discriminavam.”

**Mayara:** “Da pré-escola eu não tenho lembranças concretas. Não tenho lembranças sobre as aulas. Tenho na minha cabeça poucas lembranças sobre o espaço da sala de aula e da escola. Iniciei na educação infantil aos dois anos e fiquei somente em um colégio. Lembro sempre de uma cena em que minha mãe me levava para a escola e eu sempre bem cuidada. Quando me lembro desta cena, sempre tenho a sensação de estar protegida pela minha mãe. Lembro da gente andando de mãos dadas indo para a escola. Sempre ou na maioria das vezes passávamos em uma “cantina” para comprar o meu lanche. Das relações com os meus colegas eu não me lembro. Só tenho vagas lembranças de algumas vezes em que uma professora brigava comigo, mas não me lembro do motivo destas brigas. Lembro um pouco da sala de aula. Era uma sala escondida e que ficava nos fundos da escola. Eu tenho a sensação que esta professora não gostava de mim. Só não sei o motivo. A lembrança sempre é dela brigando comigo. Por algum motivo, que eu não me lembro exatamente qual, eu a



incomodava. Talvez tivesse a ver com a minha sexualidade, apesar de ser criança na época e ainda não pensar nessas coisas”

**Rebecca:** “Eu tive um professor de biologia que na verdade era encarregado de dar aula sobre educação sexual. Era um programa especial da escola. As aulas quase todas eram sobre doenças sexualmente transmissíveis. A turma era grande e um monte de adolescente. Ele fazia a linha do professor palhaço, sabe? Todo mundo gostava dele porque ele fazia piada sobre tudo. Quando ele falava sobre alguma DST sempre fazia uma piadinha do tipo: ah, pra quem não gosta da coisa (fazendo um gesto com as mãos)?, cuidado heim!, que o risco de contaminação é maior. Ele sempre fazia essas piadas de duplo sentido e que depreciavam os homens que não se relacionam com mulheres. A turma acompanhava e todos riam das piadas. Eu me incomodava e achava aquilo um absurdo, mas nem podia falar nada senão era capaz até de apanhar.”

**Camila:** “Uma professora de inglês que eu tinha, o nome dela era Joyce se não me engano. Eu gostava dela. Era bem novinha na época. Era calma e não tinha controle nenhum da turma. Não me lembro exatamente porque surgiu o assunto sobre travestis. Sei que ela começou a contar uma história. Que já teve um aluno, que ele era meio problemático, era estranho e que em um determinado momento começou a se vestir como mulher e que adotou o nome de Joyce. Ela pareceu ter ficado mais indignada pela escolha do nome do que pela situação como um todo. Ela dizia: - tantos nomes nesse mundo e ele foi escolher logo Joyce, é sacanagem! E ela falava num tom bem debochado, sempre rindo. Eu achei aquilo péssimo. Ela foi preconceituosa, mas ninguém se importou. As pessoas riram e concordaram com ela. No final da aula, eu fui até ela e disse que o papo não tinha sido nada agradável porque ela enquanto professora não poderia ter uma atitude daquelas. Se tivesse uma pessoa naquela sala que vivesse aquela situação, era o meu caso, não naquele momento, mas não importava, ela não poderia falar aquilo”.

A homofobia não entendida também como manifestação de violência, física ou psíquica, pode estar condicionada a determinação de outros fatores. “A exclusão das situações de homofobia dos sentidos da violência nesse contexto, a despeito da sua gravidade, era favorecida pela heteronormatividade que ali prevalecia” (LEITE, 2011, p. 13).

Butler (2003) questiona a naturalização do sistema que associa compulsoriamente sexo, gênero e desejo - associa o “sexo” (macho ou fêmea) a determinado gênero (masculino ou feminino) e atrela, por sua vez, a um desejo, a heterossexualidade. Os sujeitos que não estão conforme ao que ela chama de “gêneros inteligíveis”, ou seja, que não estão coerentes a este sistema são constantemente alvos de controle e regulação da heteronormatividade. O que acontece no cotidiano das escolas pode ser entendido como “ato de repetição que atualiza o gênero masculino, quando autoriza a violência – não apenas verbal, física mesmo” (LEITE, 2011, p. 15).



Sendo assim, a significação da violência tem relação com a naturalização da heteronormatividade que cria modelos binários de gênero bem como desejos e práticas com eles identificados, fazendo com que as situações de violência sejam permitidas/autorizadas contra aqueles “desviantes” desta norma. As análises até aqui apreendidas nos parecem que,

assim como a naturalização da heteronormatividade é fundamental para sua prevalência nas lutas hegemônicas pela significação do sexo e do gênero, a invisibilização da violência homofóbica na escola também é central para sua eficácia enquanto repetição local dessa mesma heteronormatividade – daí a possibilidade e mesmo a necessidade de exclusão da homofobia na significação da violência (LEITE, 2011, p. 16).

### A potência do desejo

De todas as pessoas *trans* com quem conversamos, um relato nos chamou atenção pela sua potencialidade no sentido do rompimento com as normas e amarras sociais por meio do desejo.

**Camila:** “As primeiras lembranças que tenho sobre a minha sexualidade se deram na escola, mais precisamente entre 7 e 9 anos. Lembro que gostava quando os meninos roçavam em mim nas filas ou eu me fazia roçar (na hora de formar, na fila da comida, enfim em todas as filas). Alguns meninos deixavam isso acontecer e outros não. Era uma descoberta pra mim e pra muitos deles também. Eu começava a perceber que aquela situação era prazerosa pra mim. Sendo um lugar que ninguém gosta (as filas), naquela época eu adorava. Era uma coisa inocente, eram descobertas da sexualidade. Eu ainda não tinha noção de tudo o que iria sofrer por conta de não desejar me relacionar com as meninas. Melhor, não sabia ainda das consequências de querer ser uma menina.”

Vamos pensar sobre as filas. A primeira fila antes de caminhar para as salas de aula. Esta operacionaliza vários mecanismos de controle e regulação dos corpos. Repete as normas de gênero, pois estabelece fila de “meninos” e “meninas”. Atualiza a ordenação e o disciplinamento, uma vez que existe uma “ordem” além da de gênero. Separação das filas por turmas, por tamanho ou por ordem alfabética. Impõe uma purificação dos corpos, visto que o objetivo “maior” é: hastear a bandeira, cantar o hino e louvar a pátria. Neste momento, os corpos são higienizados, dessexualizados.



Quando Camila utiliza a fila, local indesejado por muitos, para “roçar” e se deixar “roçar” pelos colegas, há uma micro quebra de todos esses mecanismos. O corpo deixa de ser dessexualizado ao mesmo tempo em que a ordenação e disciplina não são respeitadas. A pátria que deveria ser louvada é esquecida. O que importa é o prazer, o desejo.

Com isso, convém pensar numa esfera molecular, que não se trata de diferenciar as categorias, os grupos, as especialidades da mesma maneira de forma polarizada, ao contrário, pensa nos pontos de atravessamento entre todos os sujeitos produzidos como “desviantes”. Sendo assim, de alguma forma, todas as sexualidades, todas as práticas sexuais se produzem fundamentalmente aquém de oposições binárias como homo/hetero. Neste sentido, elas são mais próximas do desvio do que da norma (GUATTARI, 1985).

A sexualidade não faz parte somente da vida privada de cada um. Ela se tornou um importante mecanismo do biopoder para a governamentalidade e o controle e regulação dos corpos. Os desviantes estão promovendo uma fissura pública na lógica que enquadra a sexualidade aos sistemas de reprodução e aos mecanismos do biopoder. Trata-se, portanto de estabelecer que “somos todos *transsexuais*”. Não uma categoria médica ou de sexo/gênero, mas porque todos nós *transbordamos* as normas e nos produzimos *além, nas bordas* do instituído. “Trata-se de definir o que seria a sexualidade numa sociedade libertada da exploração capitalista e das relações de sujeição que ela desenvolve em todos os níveis da organização social” (GUATTARI, 1985, p. 41). Neste sentido, a luta pela despatologização das subjetividades também integram as lutas de libertação social.

As experiências de fronteira, de trânsito entre os gêneros perturbam a norma. Não se trata mais de oposições binárias entre homens e mulheres, mas fazer com que todos os corpos consigam livrar-se das amarras sociais (GUATTARI, 1985).

## Conclusão

Neste artigo, por meio de conversas com pessoas *trans* procuramos apresentar um pouco de suas vivências escolares, como também, o que suas narrativas nos apontaram sobre gênero, sexualidade e práticas educativas e o que podemos pensar a partir disso. Conversando com estas pessoas podemos perceber que mesmo sob a regulação, controle e vigilância das normas de gênero produzidas por instituições sociais, como a escola, e à margem dos discursos socialmente legitimados nos *espaçostempos* escolares, elas produzem/produziram



suas próprias histórias e modos de vida outros conformados ou não com os padrões dominantes (BRAGA, 2011, 2012; VIEIRA; SOARES, 2014).

Com este trabalho foi possível pensar que a experiência/vivência *trans* é significada por meio de “representações” de um “outro” a quem não se conhece ou não se interessa conhecer (BRAGA, 2011, 2012; VIEIRA; SOARES, 2014). “Ainda assim, essas representações estão no cerne do sentido de si que vai sendo construído por essas pessoas, nos processos de subjetivação que vão sendo engendrados nesses contextos, em que mímicas, traduções e negociações, (BHABHA, 1998) são recursos utilizados para garantir a sobrevivência e a criação de novas posições de identidade e significação” (VIEIRA; SOARES, 2014, p. 454). Conforme Bhabha (2011, p. 78) apud Vieira e Soares (2014, p. 454), a sobrevivência acarreta uma ruptura na estrutura de continuidade:

Sobreviver, em termos técnicos, é continuar depois da cessação de uma coisa, de um acontecimento ou de um processo; prosseguir na luz e na sombra de uma quebra, de um trauma, de um julgamento, de um desafio. (...) A sobrevivência também requer a coragem de viver através do fluxo e da transição do momento de cessação.

Esse viver “que atravessa”, “que *transborda* o instituído” talvez seja o enorme aprendizado que aponta a experiência *trans* para todos nós e também para a educação: “a *transposição* das fronteiras arbitrariamente criadas e a *transgressão* da normalização que despotencializa a produção de subjetividades e dos corpos desejanter” (VIEIRA; SOARES, 2014, p. 454-455).

A experiência *trans*, nos permite desnaturalizar/desconstruir as práticas educativas normalizadoras que produzem o assujeitamento às estruturas de saber-poder, como também, pensar outras possibilidades para a educação.

As experiências *trans* presentes nos espaços escolares, entendidas aqui como aquelas que *transbordam* o já instituído e transitam no limite das fronteiras (dos gêneros-sexos, das disciplinas, dos muros das escolas, etc) nos convocam a problematizar/questionar/desnaturalizar padrões, comportamentos e regras. Permitemos *transpensar* o já instituído, além daquilo que não é permitido pensar. Aquilo que é produzido como não pensável, proibido e que, por isso, “deve” ficar “fora” das escolas. A experiência *trans*, por fim, opera deslocamentos e desestabilizações nas nossas certezas e nos convoca *transpor* as barreiras que nos limitam e nos impede de criar nossa própria existência, nossos conhecimentos e nossas práticas educativas (VIEIRA; SOARES, 2014, p. 455).



Para finalizar, trazemos novamente a astúcia de Camila, que utilizava a fila, local indesejado por muitos, para “roçar” e se deixar “roçar” pelos colegas, experimentando e agenciando, de forma silenciosa e clandestina, uma revolução molecular, que como ensinou Guattari (1985, p. 67) “passa por uma liberação prévia de uma energia de desejo”. Assim, concluo apontando que a presença de pessoas *trans* nas escolas, como em outras instituições, desestabiliza e ameaça à ordem social dominante, porque mina as engrenagens do sistema de saber-poder que se tornou hegemônico ao sugerir que os corpos, todos os corpos, podem se livrar das representações e dos constrangimentos do corpo social, como assinalou Guattari (1985), instituindo uma política do desejo necessária a qualquer revolução.

### Referências Bibliográficas

BHABHA, Homi. **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses**. Textos seletos; organização: Eduardo F. Coutinho. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRAGA, Denise da Silva. **A experiência transexual: estigma, esteriótipo e desqualificação social nos intramuros da escola**. Trabalho apresentado na 34ª Reunião Nacional da ANPEd, Natal, 2011. Disponível em: <<http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-204%20int.pdf>> Acesso em: 14 jun. 2014.

BRAGA, Denise da Silva. **A experiência transexual: estigma, esteriótipo e desqualificação social nos intramuros da escola**. **Periferia**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p. 5-24, jan./jul. 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/8412/6234>> Acesso em 01 fev. 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GUATTARI, Félix. **A revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LEITE, Miriam Soares. Significação da violência e heteronormatividade no contexto da prática curricular. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.7, n.1, Abril. 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/5647/3991>> Acesso em 18 jan. 2015.

LIMA, Maria Lúcia Chaves. **O uso do nome social como estratégia para a inclusão escolar de travestis e transexuais**. 2013. 185f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia



Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em:

<[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=15643](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=15643)> Acesso em: 09 fev. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PORTO, João. Vanessas na escola: não é apenas por vinte reais. In: PINEL, Hiran; MENDONÇA FILHO, Christovam de (Orgs.). **Homossexualidades: Violências, Desafios & Possibilidades Pedagógicas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. 502p.

SOARES, Maria da Conceição Silva. **A comunicação praticada com o cotidiano da escola** – Currículos, conhecimentos e sentidos. Vitória: Espaço Livros, 2009.

VIEIRA, Ana Letícia; SOARES, Conceição. Por um *transpensar* a educação. In: PINEL, Hiran; MENDONÇA FILHO, Christovam de (Orgs.). **Homossexualidades: Violências, Desafios & Possibilidades Pedagógicas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. 502 p.